



GEOGRAFIA, LITERATURA E O ENSINO DE CIDADE

Andreane Miyahara Neves ¹
Suzana Ribeiro Lima Oliveira ²

RESUMO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa que tem investigado e buscado fundamentar a importância do ensino interdisciplinar e, neste estudo, sobre a relação entre Geografia e Literatura, de modo que o ensino do conteúdo de cidade possa, interdisciplinarmente, contribuir, por exemplo, por meio da obra “O meu pé de Laranja Lima”, de José Mauro de Vasconcelos, com a construção do pensamento geográfico de estudantes do quinto ano do ensino fundamental anos iniciais. Sendo a pesquisa de abordagem qualitativa, tem-se analisado a obra literária em questão e a sua relação com a Geografia numa perspectiva interdisciplinar (FAZENDA, 2008) para a construção do pensamento geográfico (CAVALCANTI, 2019).

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Ensino de Cidade, Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This work is part of a survey which has investigated and sought to substantiate the importance of interdisciplinary teaching about the relationship between Geography and Literature, so that the teaching of city content can, interdisciplinarily, contribute, for example, through the work “O meu pé de Laranja Lima”, by José Mauro de Vasconcelos, with the construction of the geographic thinking of students in the fifth year of elementary school. As the research has a qualitative approach, its relationship between literature and Geography have been analyzed from an interdisciplinary perspective (FAZENDA, 2008) for the construction of geographic thinking (CAVALCANTI, 2019).

Keywords: Geography, Literature, City Teaching, Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

A Geografia, enquanto ciência e especificamente enquanto disciplina escolar, é muitas vezes considerada como algo mecânico e voltado à memorização, o que acaba gerando, em muitos casos, desinteresse nos estudantes e estes podem não apreender a sua significância e não conseguir relacionar o que é estudado com os aspectos de sua vivência e/ou globalmente.

Mesmo reconhecendo a necessidade de se trabalhar os conteúdos da Geografia, devido a diferentes fatores, dentre eles a fragmentação do ensino, em diferentes contextos escolares não é levada em consideração a possibilidade de um trabalho interdisciplinar.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí – UFJ andreane.miyahara@hotmail.com;

² Professora Dra. do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí – UFJ suzanarili@ufj.edu.br

Nas escolas, têm-se materializado trabalhos que dão preferência à realização de atividades fragmentadas, devido a diferentes motivos, tais como: o contexto da distribuição das aulas, os materiais didáticos segmentados em disciplina, o tempo insuficiente para o planejamento das aulas, como se não houvesse ou não pudesse existir uma ligação/interdisciplinaridade ou diálogo entre diferentes conhecimentos como, por exemplo, com a linguagem artística: em especial a literatura.

A arte, por sua vez, possui um papel fundamental, pois é capaz de levar estudantes a perceberem subjetivamente questões de sua realidade e correlacioná-las com outras distintas. Sendo uma criação dos seres humanos, a arte tende a refletir o pensamento de uma época, as intencionalidades de um respectivo autor e sua visão de mundo. Da mesma forma, a literatura enquanto arte, requer e permite a interpretação do leitor, que inclui sua própria vivência quando analisa a obra.

Para Monteiro (2002), a utilização de textos literários por estudantes, além de promover a interdisciplinaridade com outras áreas do currículo, pode contribuir para a mobilização da aprendizagem de conteúdos que fazem parte da vida cotidiana de estudantes.

Santana Filho (2020), ao defender uma Educação Geoliterária, propõe uma reflexão necessária ao mencionar o que venha a ser conteúdos do mundo objetivo. Para o autor:

Quando dizemos espaço geográfico, paisagem, território, lugar, a quais conteúdos do mundo objetivo nos referimos e como os tornamos conceitos pertinentes? Veja-se então, que o que temos feito tem sido criar narrativas, formas de ler, apreender e compreender o mundo que, reconheçamos, não se esgota na ciência geográfica e está também nas histórias ficcionais, na poesia (SANTANA FILHO, 2020, p.171).

Considerando esse contexto, ao se propor a análise literária e geográfica da obra “O Meu pé de Laranja Lima”, de um dos grandes escritores da literatura brasileira: José Mauro de Vasconcelos, defende-se a “leitura do texto literário como vivência” (SANTANA FILHO, 2020, p.175). A referida obra possibilita a reflexão sobre temas sociais importantes ao ensino de Geografia, particularmente para o quinto ano do ensino fundamental sobre o objeto de conhecimento: Diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais; o desenvolvimento das habilidades: (EF05GE02)- Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios; (EF05GE08) - Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes.



Reconhecendo que a cidade é o lugar em que estudantes do ensino fundamental anos iniciais têm convívio, e que é marcado por desigualdades sociais que são materializadas territorialmente, compreende-se que essa discussão precisa ser introduzida por meio do ensino de Geografia e de forma interdisciplinar com a Literatura, em especial com a obra citada, por ser ainda mais representativa e mobilizadora a construção desse conhecimento.

METODOLOGIA

O presente trabalho é parte de uma pesquisa que tem investigado e buscado fundamentar a importância do ensino interdisciplinar e, neste estudo, sobre a relação entre Geografia e Literatura, de modo que o ensino do conteúdo de cidade possa, interdisciplinarmente, contribuir, por exemplo, por meio da obra “O meu pé de Laranja Lima”, de José Mauro de Vasconcelos, com a construção do pensamento geográfico de estudantes do quinto ano do ensino fundamental anos iniciais.

Sendo a pesquisa de abordagem qualitativa, tem-se analisado a obra literária em questão e a sua relação com a Geografia numa perspectiva interdisciplinar (FAZENDA, 2008) para a construção do pensamento geográfico (CAVALCANTI, 2019).

Assim, destaca-se que é um recorte de uma pesquisa de mestrado em que algumas etapas estão em desenvolvimento:

a) pesquisa bibliográfica, que constitui uma análise do que se tem escrito sobre a temática (LAKATOS; MARCONI, 2017) aqui com base em Callai (2005), Cavalcanti (2012), Oliveira (2012), Castellar (2020) que defendem um ensino de Geografia com formação de sujeitos críticos desde os primeiros momentos em que se inserem no ambiente escolar e assim estejam atentos aos contextos do mundo para nele intervirem.

b) Análise da obra, e nisto observar-se: se as abordagens de cidade, promovidas pela narrativa da dinâmica cotidiana vivida pelo autor e ao mesmo tempo personagem, enquanto conceitos geográficos (CAVALCANTI, 2012), estão inseridas no livro literário e possibilitam a compreensão da lógica das relações sociais expressas na vida cotidiana dos(as) estudantes.

c) Pesquisa documental (LAKATOS; MARCONI, 2017) trata-se da análise dos documentos oficiais direcionadores ao ensino de Geografia no quinto ano do ensino fundamental anos iniciais, sendo: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Documento Curricular para Goiás (DC-GO); e ainda, a investigação nos planos de aulas de alguns professores da rede municipal do município de Serranópolis – GO, quinto ano do ensino fundamental anos iniciais, a fim de identificar como são elaborados ou pensados acerca do



ensino de Geografia e se há possibilidade interdisciplinar com a Literatura. Nisto, objetiva-se também verificar como é concebida a prática de leitura/interpretação nesses registros de aula.

Na cidade de Serranópolis – GO, existe a oferta do ensino fundamental anos iniciais em duas escolas: Escola Municipal JK e Escola Municipal Emília Honória de Oliveira. Considerando as características teórico-metodológica da pesquisa definiu-se a utilização das duas não excluindo nenhuma.

Destaca-se que, por tratar-se da análise de documentos e da não identificação de seus idealizadores, não é exigida a submissão ao comitê de ética em pesquisa. Por fim, propõe-se a:

d) Construção de Percurso Didático (CAVALCANTI, 2019): Elaborar percurso didático para o ensino de cidade pela Geografia com uso da obra literária descrita e divulgar as reflexões sobre o que é um ensino verdadeiramente interdisciplinar e não apenas no discurso. O percurso considera como centro do trabalho docente a atividade da aula e o objetivo é provocar o estudante e trazê-lo à realidade do que se está estudando e apresentar maneiras de compreender tal relação. Portanto, a partir do conteúdo geográfico (ensino de cidade) o professor irá problematizar, sistematizar e sintetizar o ensino e assim mediar todo o processo de construção do pensamento geográfico.

Reconhecendo que a cidade é o lugar imediato em que os estudantes do ensino fundamental anos iniciais, dos colégios investigados, têm convívio cotidiano, e que esse lugar é marcado por desigualdades sociais que são materializadas territorialmente, compreende-se que essa discussão precisa ser abordada por meio do ensino de Geografia de forma crítica, e considerando que se trata de um nível de ensino em que a oferta das disciplinas são realizadas pelo mesmo professor, o Pedagogo, entende-se que é possível desenvolver um trabalho interdisciplinar, nesse caso com a Literatura, em especial a obra citada, o que pode contribuir para que os conteúdos sejam mais representativos e mobilizadores, garantindo a efetivação do processo de ensino-aprendizagem em Geografia que contribua para a construção pelos estudantes da consciência socioambiental tão importante para todos os cidadãos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino da Geografia permite o diálogo com diversas disciplinas, proporcionando o aprendizado e a aplicação de metodologias diferenciadas para compreensão do espaço geográfico. Assim, integralizar e promover a interdisciplinaridade é um desafio, porém necessário na educação. Um ensino pautado nesta perspectiva se torna eficaz e crítico e pode fazer mais sentido para o estudante. Não se pode desconsiderar a importância dos conteúdos



disciplinares, mas há de se lembrar que estes podem ser mais interessantes e significativos quando relacionados com outras áreas do conhecimento e promovendo um diálogo com a vida dos sujeitos.

A interdisciplinaridade pode ser uma possibilidade de fazer da aula algo dinâmico, diferenciado e com significado para estudantes. Na Geografia, por exemplo, ela é possibilitada, pois é uma disciplina escolar que para ser compreendida precisa dialogar com outras áreas do conhecimento. Não é possível compreender as localidades sem analisar a dinâmica populacional, econômica, política, histórica e cultural.

Pensar no papel da Geografia na educação básica é significativo uma vez que o mundo passa por transformações e os estudantes precisam acompanhá-las e assim experimentarem diferentes leituras de mundo, e compreender o que está ao seu redor como, por exemplo, o lugar de vivência. É nesse e em tantos outros sentidos que a Geografia é necessária, pois a escola precisa tê-la como um componente curricular significativo e que faça valer o desafio de destacar aos estudantes e a sociedade como um todo, o seu papel no mundo levando-se em conta toda a complexidade existente.

Não basta ter um professor apenas disposto a ensinar, mas antes é necessário a compreensão metodológica do que se ensina e para quem se ensina. Callai (2005) exemplifica isso quando diz que é preciso haver concepções teórico-metodológicas que permitam o reconhecimento do saber do outro e a sua capacidade de ler o mundo e reconhecer a sua dinâmica, superando o que muitas vezes é posto como verdade absoluta.

Considera-se que o entendimento do mundo é importante para as pessoas que vivem em sociedade, uma vez que dessa forma elas conseguem atuar a partir de uma perspectiva cidadã. Tal leitura do mundo pode ser realizada a partir do estudo do lugar, o qual aborda sobre a vida dos seres humanos, tanto em termos de componentes da natureza como da sociedade, incluindo os âmbitos econômico, político e cultural. Assim, ter a compreensão do lugar, da vida resulta em uma melhor vivência em sociedade (CALLAI, 2005).

Conforme Callai (2005), essa compreensão e entendimento do mundo são habilidades e conhecimentos adquiridos na escola, mais especificamente na disciplina de Geografia. Sendo assim, a Geografia é importante para o entendimento da vida do homem em sociedade, o que comprova a significância do componente curricular. Tal disciplina deve, ainda, estar presente nos anos iniciais da fase escolar, ou seja, na primeira etapa de educação básica. Assim, nesse caminho, acredita-se que, com a interligação da disciplina de Geografia com outros assuntos que compõem o currículo escolar, é possível a estudantes desenvolverem a compreensão de mundo já nos anos iniciais.



De acordo com Deon e Callai (2020), a compreensão dos conteúdos da disciplina de Geografia auxilia no processo de alfabetização, de modo que estudantes possam adquirir uma percepção mais apurada da realidade em que vive. Dessa forma, os estudantes de ensino fundamental desenvolvem o conhecimento crítico sobre o mundo, o que torna o entendimento da Geografia mais significativo para a sua vida.

Portanto, a Geografia é uma disciplina importante no ensino fundamental anos iniciais, pois contribui com a formação de estudantes para compreenderem o mundo que os rodeia. Também pode ajudá-los a desenvolver uma apreciação/identificação por outras culturas e uma maior compreensão das questões globais. Isso porque a disciplina de Geografia não consiste apenas em aprender sobre diferentes países e suas capitais, nomes de rios e seus afluentes, mas ela também engloba a tarefa de aprender sobre temáticas que envolvem as dimensões: Componente Físico-natural; Componente Social, pois, ao abordar as dimensões enquanto componentes, as compreendemos como integradas e dinâmicas (FRANÇA JUNIOR; OLIVEIRA; SILVA, 2022).

Faz-se necessário compreender a ciência geográfica e os conteúdos didático-pedagógicos de como ensinar Geografia, para posteriormente entender a sua importância relacionada às demais áreas do conhecimento, como por exemplo, a linguagem literária em que o trabalho interdisciplinar, além de favorecer um dinamismo, proporciona aprendizagem significativa e crítica a partir do lugar em que se encontra para a interpretação e a imaginação de leituras de mundo e do campo escolar.

Conforme Fazenda (2006), o diálogo proposto pela interdisciplinaridade dos diferentes conteúdos provoca uma relação de reciprocidade, possibilitando a transformação, disseminação e integração entre os assuntos. Portanto, a interdisciplinaridade caracteriza-se pela troca e integração de conteúdos de diferentes disciplinas.

Portanto, Fazenda (2013) afirma que a interdisciplinaridade se constitui como uma unidade de ensino dos objetos que se encontram numa direção diferenciada. Assim, tem-se diálogo entre os diferentes assuntos, formando-se uma educação permanente. Dessa forma, a interdisciplinaridade é “a nova atitude frente à questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão” (FAZENDA, 2013, p. 853).

Cabe à escola oferecer possibilidades para que estudantes sejam capazes de interpretar textos, gravuras, mapas, gráficos, proporcionando-lhes o conhecimento dos conceitos geográficos e, desse modo, levá-los a compreender situações, acontecimentos em diferentes tempos e espaços. O ensino de Geografia ladeado com a Literatura é um diálogo instigante: de



um lado temos a ciência geográfica presente em todos os lugares e, do outro, a linguagem literária sem a qual não se pode interpretar e viver o real e o imaginário. O que se apregoa é justamente um ensino capaz de reconhecer duas áreas para promover uma aprendizagem relevante, sólida e porque não divertida e instigadora.

Com a observação diária de estudantes, e a atenta constatação de sua visão de mundo, o planejamento escolar pode ser construído com a abordagem da literatura enquanto linguagem e assim introduzir um determinado assunto ou tema, como por exemplo, o conceito de lugar e de cidade, a partir da contextualização e leitura de uma obra literária.

Santos (2002, p. 205) afirma que “as novas atividades exigem um lugar no espaço e impõem uma nova arrumação para as coisas, uma disposição diferente para os objetos geográficos, uma organização do espaço diferente daquela que antes existia”. Deste modo, o espaço é produzido por diferentes ações e práticas sociais dos indivíduos que o modificam por meio do trabalho e da tecnologia em função de suas necessidades: sociais, econômicas, políticas e ambientais.

Vê-se, então, que o processo de ensino-aprendizagem interdisciplinar é potencializador significativo e fará com que a aprendizagem seja prazerosa e reflexiva ao invés de apenas ficar numa dada disciplina/área do conhecimento sem nem ao menos considerar sua complementação e importância com as demais para a significância dos conceitos e do seu sentido para a vida.

Dessa forma, a Literatura, neste estudo em especial a infantil, por relatar os mais diversos aspectos da vida dos seres humanos, torna-se uma importante aliada ao ensino da Geografia por também ser um caminho para a compreensão da relação que os seres humanos realizam com o ambiente em que estão inseridos.

As obras literárias, ao abordarem temáticas geográficas, são capazes de possibilitar a compreensão de locais variados, levam o leitor a uma realidade que pode ser próximo ou distante por meio das narrativas que fazem com que o estudante se sinta em determinados locais a partir das narrativas dos personagens pelos autores. O imaginário permite fazer ligações e representações das imagens, das paisagens e ter experiências a partir dos relatos dos personagens, oportunizando a mobilização de um novo olhar para o mundo.

A Literatura, enquanto linguagem problematiza a relação do ser humano com o ambiente em que vive, permite ainda que o leitor reconheça sua própria realidade, compare com outras próximas ou distantes, identificando-se com o personagem. Esse reconhecimento pode ser dado em diferentes situações da vida humana, tanto social, cultural e econômica, quanto físico-natural.

É necessário pensar na obra literária como um recurso que possa auxiliar no desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar que problematize a mediação do processo de ensino-aprendizagem em Geografia, especificamente nesse estudo, a compreensão do conteúdo cidade, analisando geograficamente, pensando espacialmente, operando o raciocínio espacial e por meio do conhecimento da Geografia, o raciocínio geográfico.

É importante ressaltar que a literatura busca além do prazer de oferecer uma boa leitura, informar, mobilizar e envolver seus leitores despertando imaginários que, no contexto educativo, contribui com a problematização de contextos que oportunizam a construção do conhecimento geográfico. Cavalcanti (2011, p.18) reforça esse entendimento ao dizer que “pela Geografia, pode-se assim perceber e analisar a cidade além da aparência, da paisagem, do arranjo dos objetos”. Portanto, o que se tem realizado nessa pesquisa é compreender se a mediação do ensino de cidade pela Geografia, de forma interdisciplinar, contribui para a aprendizagem significativa dos estudantes do quinto ano das escolas públicas de Serranópolis Goiás. Assim, como dito anteriormente, a obra literária autobiográfica: “O meu pé de Laranja Lima” de José Mauro de Vasconcelos, e as reflexões que ela provoca são potencializadores do processo.

A relevância da obra é visualizada a partir da compreensão de que ela é um clássico da literatura brasileira, com adaptações para a televisão, o cinema e o teatro. A obra “O meu pé de Laranja de Lima” é desses livros que marcam época. Lançado em 1968, é uma história autobiográfica que demonstra um escritor maduro, visto que José Mauro de Vasconcelos estreou em 1942, ciente do efeito que poderia provocar nos leitores com suas cenas e a composição de seus personagens.

Os conteúdos geográficos podem ser mencionados em vários contextos da obra: sendo eles de ordem sociais, econômicas, políticas, ambientais, entre outras. Tais possibilidades remetem ao ensino de cidade a partir da presente obra e com o olhar para a construção do conceito de lugar.

Há também de se ressaltar o valor que a imaginação tem na infância: ela caminha com a realidade a partir de vivências e Vigotski (2018, p.24) diz que “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia”. Tomando por base a faixa etária dos estudantes dos anos iniciais e a faixa etária do personagem da obra O meu pé de Laranja Lima, identifica-se que é no período escolar, que a criança vai tomando contato com outras formas de expressão, como a criação literária: a escrita, o desenho, a imaginação e é por essa afetação que é despertada para a percepção do local onde está inserida.



Ratificar, nos anos iniciais, o estímulo à imaginação, à observação, à análise e à escrita, por exemplo, por meio da mediação didática, é o que Vigotski (2018) defende, pois tais estímulos auxiliarão, de forma bastante positiva, na tomada de decisões, na forma de enxergar o outro e nas situações à sua volta, ao longo de toda a vida.

Ao falar de cidade faz-se necessário falar de cidadão. De maneira genérica, é comum o entendimento que um cidadão é aquele que, ao viver numa cidade paga impostos, reside e vota (SCHONARDIE, 2021). No entanto, entende-se no ensino de Geografia que também é necessário, para ser um cidadão, entender os problemas e demandas territoriais, e compreender seus determinantes, para que então possa atuar de maneira qualificada na tomada de decisões que prezam o bem comum.

Nesse entendimento, a cidadania nos projetos educativos tem sido discutida sob uma perspectiva de governança, sustentabilidade e responsabilidade social. Mas para que a educação cidadã, por meio da Geografia, concretize-se, é necessário que os alunos sejam mobilizados a refletirem sobre sua atuação e sobre os problemas territoriais vivenciados em seu cotidiano, ou seja, no lugar em que vivem (MIRANDA, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo dos pressupostos descritos anteriormente, analisa-se a obra no contexto do processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Os estudantes do quinto ano do ensino fundamental anos iniciais possuem uma faixa etária entre nove e dez anos de idade, vivem em uma pequena cidade do interior de Goiás, Serranópolis/GO, com uma população de 8.642 habitantes registrada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Muitos estudantes, que vivem nessa cidade, sequer saíram dela, e, portanto, é distante de sua realidade pensar em cidades em outras escalas e dimensões.

O documento oficial direcionador do ensino de Geografia é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Nesse, são apresentados conceitos sobre diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais, desenvolvimento da habilidade (EF05GE02): Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios; e sobre urbanização e as transformações nas paisagens das cidades ao longo do tempo, especificamente à habilidade (EF05GE08): Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes.

Considerando o contexto em que os estudantes em Serranópolis vivenciam, é desafiador falar de outras localidades e especificamente de elementos que existem, por exemplo, em outras cidades, sejam elas médias, metrópoles, entre outras.

O material didático utilizado no quinto ano sobre as concepções de cidade é do Sistema Aprende Brasil, nele contém inferência para o estudo sobre a formação das cidades brasileiras, bem como sua urbanização, inclui também excertos sobre como o Brasil vem se estruturando com o passar do tempo. Os conteúdos apresentados nesse material apresentam como objetivo ampliar o conhecimento dos estudantes em relação às semelhanças e diferenças entre as cidades e à forma como foram criadas (espontânea ou planejada). As fotografias, obras de arte e plantas, visam que os estudantes analisem as dinâmicas que ocorreram no território brasileiro, e as transformações de suas paisagens.

O material do Sistema Aprende Brasil (apostilado) propõe um trabalho com o conceito de lugar e, ao abordá-lo, indica uma análise geográfica baseada numa escala que deve privilegiar os espaços de vivência cotidiana dos estudantes. Identifica-se que tanto o documento de referência como o material didático adotado, indicam possibilidades, mas, como outros materiais, é fundamental a mediação didática do professor, e é com esse entendimento que deve-se compreender que os conceitos de Geografia não são construídos naturalmente, mas que, conforme Cavalcanti (1998), a construção do conceito de lugar pressupõe ações que desenvolvam algumas habilidades diretamente relacionadas às necessidades existenciais, como: orientação, localização, posição, mobilidade, representação e interação com objetos e pessoas.

Assim, como possibilitar a interação com locais nunca vistos, ou como mobilizar para a aprendizagem de algo nem imaginado, que é o contexto vivido pelos estudantes de Serranópolis? A partir dessa problematização, entende-se que uma forma instigadora é a literatura enquanto linguagem.

Reconhece-se o quão valioso é o ensinar pela Geografia, conforme Cavalcanti (2019) nos apresenta, pois este conhecimento nos ajuda a pensar geograficamente e isso está diretamente ligado aos modos de ser de quem pensa e aos modos de atuar do sujeito que se orienta pelo seu pensamento. Partindo deste pressuposto, compreende-se que desde os anos iniciais do Ensino Fundamental a Geografia está intimamente ligada às vivências e ao cotidiano dos sujeitos, e incluir locais distantes nessas vivências pode ser possibilitado pela literatura.

Reforça-se que a escola, por meio de seus profissionais, como mediadora da construção do conhecimento, deveria ser a protagonista de um ensino significativo em que a promoção de um diálogo para a construção do pensamento geográfico atenda às necessidades de suas turmas, da faixa etária de seus estudantes, devendo o planejamento escolar conter elementos e



fundamento-teórico-metodológicos que os mobilizem para compreender localidades ainda imaginadas.

Para tanto, não basta apenas levar os conteúdos prontos para a sala de aula, é preciso, pois, buscar fontes que enriqueçam os seus estudos, ou seja, o professor não pode se limitar àquilo que já sabe e tem pré-concebido, mas estar em constante processo de (re) elaboração orientadora do trabalho docente para que as suas aulas se tornem geradoras de saberes nas quais os estudantes construam aprendizagens significativas. Nessa compreensão,

[...] A ciência geográfica é uma perspectiva de análise, que foi paulatinamente construída ao longo da história, materializando-se em um conjunto de conhecimentos, teorias, reflexões, conceitos, princípios, em linguagem específica. No ensino, é bom orientar o trabalho docente com base nesse conjunto, porém, há de se organizá-lo em um caminho metodológico (referente ao processo de conhecimento e de desenvolvimento psicológico), de modo consciente e intencional, tendo em vista as condições concretas desse trabalho: o tempo disponível, o grupo de alunos e suas condições de aprendizagem (CAVALCANTI, 2019, p.145).

Com base nos fatores expostos, o ensino de Geografia deve ser organizado, levando-se em consideração as condições de trabalho para que a aprendizagem aconteça de fato. Nesse sentido, é interessante que o ensino parta sempre de uma tomada do conhecimento prévio dos sujeitos para promover uma discussão satisfatória dos conteúdos e, nesse caso, da ciência geográfica. O que foi constatado é que, para o desenvolvimento das habilidades previstas nos documentos oficiais, é necessária a utilização de recursos que contribuam para a melhor compreensão do que se pretende, e aqui, entende-se que a literatura é potencializadora.

Segundo Kramer (2007, p.21), “é preciso compreender os processos relativos aos modos de interação entre crianças e adultos em diferentes contextos sociais, culturais e institucionais. O diálogo com vários campos do conhecimento contribui para agir com crianças”. Quando se conhece a realidade dos estudantes, é possível executar um trabalho que contribua com a formação destes de modo significativo.

Possenti (2009, p.91) afirma que “tudo o que se faz na escola e que serve só para ela deveria ser eliminada. Suponho que isso deveria ser claro”. É, pois, essa a perspectiva que deve orientar o trabalho do professor na escola:

A escola como principal agenciadora do letramento dos sujeitos tem o compromisso de cumprir esta sua função, já que vivemos numa sociedade letrada em que o acesso ao conhecimento científico, à cultura, permite que o sujeito não apenas compreenda o mundo no qual vive, mas se perceba nele para que, a partir daí, possa se mover buscando construir novos horizontes, novos mundos menos excludentes e mais humanos (LIMA, CHAGAS, NEVES, 2019, p. 90)



Os que à escola chegam e nela permanecem, por um longo tempo, devem deixá-la com conhecimentos capazes de sua vivência fora dela. E todo esse processo mediado pelo professor torna-se parte dos que participaram do processo, afinal a produção que se deve fazer na escola deve acontecer tal como as produções com que se deparam os estudantes fora dela e assim eles terão como refletir em diversas escalas enquanto cidadãos.

O contato de estudantes com as noções espaciais se dá, segundo Almeida e Passini (1999), pelo **espaço vivido** (físico, vivenciado pelo movimento e deslocamento), **espaço percebido** (que não precisa mais ser experimentado fisicamente) e o **espaço concebido** (capacidade de estabelecer relações espaciais entre elementos) e pode e/ou deve ter seu início desde os primeiros dias de contato com a escola.

Para Almeida e Passini (1999), o conceito de lugar é entendido como a porção do espaço onde ocorrem as relações simbólico-afetivas entre as pessoas e delas com o ambiente. É no lugar que as pessoas desenvolvem o sentimento de pertencimento a determinado grupo social, já que são espaços reconhecidamente familiares, de vivência e de experiência. É nele que também ocorrem as relações socioeconômicas e aqui lembramos um excerto na obra literária “O meu pé de Laranja Lima”: O pai de Zezé desempregado, a família que passa por dificuldades e as surras (violência) que lhe aplicam seu pai e sua irmã mais velha que são seu suplício, a ponto de fazê-lo querer desistir da vida.

A obra analisada, tem como universo do personagem principal, Zezé, características que podem ser imaginadas pelos estudantes, o cenário: A família vivia em Bangu, um bairro pobre da zona oeste, periferia da cidade do Rio de Janeiro, e tiveram, por certo tempo, uma situação financeira regular, com maior acesso aos equipamentos públicos.

O pai de Zezé era gerente de uma fábrica e podia proporcionar um estilo de vida confortável, mas quando perdeu o emprego, a esposa e as filhas foram obrigadas a trabalhar no Moinho Inglês para garantir o sustento de todos.

Viver no Rio de Janeiro nesse contexto foi desafiador. O aluguel não era pago havia mais de oito meses e todos tinham que aprender a dura realidade e conviverem com as piores situações tais como, o crédito para compras no armazém sendo cortado, bem como a energia elétrica, por falta de pagamento. Nesse ambiente, o menino Zezé e seus irmãos procuravam fazer qualquer coisa para ganhar algum dinheiro, entre elas, engraxar sapatos, vender bolinhas de gude e figurinhas. Aqui é possível introduzir a reflexão que “O espaço urbano é a materialidade, a concretude e a empiricidade do que denominamos cidade” (SCHONARDIE, 2021, p. 22).



O “mundo” de Zezé era um ambiente hostil com pouca possibilidade de mudar sua história; o pai, sempre de péssimo humor, provocado pela situação da falta de dinheiro e das necessidades pelas quais a família passava. Sua relação com o menino nunca foi das mais amistosas; quase o mesmo se passa com a mãe e as irmãs, obrigadas a trabalharem em local nada agradável, ambiente de fábrica, nem sempre favorável à presença feminina. Tal discussão, propicia incluir a reflexão sobre o trabalho feminino, a violência familiar e as leis de proteção tanto da mulher como da criança. Sobre esse contexto é importante que o professor conduza a discussão. Schonardie (2021, p. 28) afirma que,

Isso ocorre, porque em nosso país, a pobreza e a naturalização da desigualdade social não são apenas o modelo econômico e social predominante, mas também, o modelo de reprodução espacial. Nesse sentido, na maioria das vezes, viver em uma cidade não é escolha (livre e consentida), mas sim uma necessidade, uma condição de sobrevivência, tentativa de inclusão social e espacial -, podendo-se chegar ao extremo da expulsão (do social, do econômico, do cultural, do ambiente, do espaço).

Em sua inocência e curiosidade, o menino buscava conhecimento com os mais velhos, fazendo diversas perguntas, a começar por seu irmão, Totoca, que nem sempre estava disposto a ajudar, mas em diferentes momentos buscava colaborar, entre outros, na ocasião que precisaram atravessar a rodovia Rio/São Paulo que tiveram que tomar as devidas precauções. Por que isso era necessário? Ou por que Zezé tinha tantas curiosidades que precisava falar com os mais velhos? É fundamental que o professor mobilize os estudantes para pensar a cidade como um espaço público, lugar de coesão social e intercâmbios, a compreendendo como um espaço em que se realiza a síntese de lugares e fluxos (BORJA, 2010).

Ou seja, é compreender a cidade, segundo Oliveira (2011, p. 51), como “uma construção humana, uma obra de agentes histórico-sociais, que expressa a materialização das relações sociais que a produz no interior dos diferentes modos de produção”.

Identificou-se, até o momento, que os conteúdos referentes ao ensino de cidades, especificamente no ensino de Geografia, são relevantes para que os estudantes a percebam e compartilhem a vida social urbana de diferentes formas, ativamente, e que o uso da literatura enquanto linguagem pode potencializar a mediação do processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho foi a de refletir como ensinar o conceito de cidade(s) pela Geografia se os estudantes ainda não possuem em suas memórias representações de localidades outras que não seja a pequena cidade onde moram.



Apesar de compreender e defender que não se pode desconsiderar a importância dos conteúdos disciplinares, e que para ser interdisciplinar primeiro é preciso existir disciplinas, reconhece-se, que estes podem ser mais significativos a estudantes, principalmente no ensino fundamental anos iniciais, quando relacionam áreas, dialoga com a vida dos sujeitos, quando se tem uma relação com outras áreas compondo um conhecimento poderoso (YOUNG, 2007).

A interdisciplinaridade possibilita fazer da aula algo dinâmico, diferenciado e com significado para estudantes. Não é possível compreender o espaço geográfico sem analisar a dinâmica populacional, econômica, política, cultural dos sujeitos em seus contextos histórico e culturalmente situado.

Santos (2002, p. 205) afirma que “as novas atividades exigem um lugar no espaço e impõem uma nova arrumação para as coisas, uma disposição diferente para os objetos geográficos, uma organização do espaço diferente daquela que antes existia”. Desse modo, o espaço é produzido por diferentes ações e práticas sociais dos indivíduos que o modificam por meio do trabalho e da tecnologia em função de suas necessidades: sociais, econômicas, políticas e ambientais.

Dessa forma, a Literatura, nesse estudo, em especial a infanto-juvenil, por relatar os mais diversos aspectos da vida dos seres humanos, torna-se importante ao ensino da Geografia, ou seja, ela possibilita a promoção da reflexão para compreensão da relação que os seres humanos realizam com o ambiente em que estão inseridos, o que potencializa o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1999. (Repensando o ensino)
- BORJA, J. **La ciudad conquistada**. Madrid: Alianza Editorial, 2010.
- CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes: Campinas, vol. 25, n. 66. p. 227-247,. maio/ago ,2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas – SP: Papirus, 2012.



CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social.** Goiânia: C&A; Alfa Comunicação, 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A cidade e seus sujeitos.** Goiânia: Vieira, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e educação no cenário do pensamento complexo e interdisciplinar.** Boletim Goiano de Geografia, v. 22, n. 2, p. 6, 2002.

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.** Educação em Análise, v. 5, n. 1, p. 79-101, 2020.

FRANÇA JUNIOR; OLIVEIRA; SILVA. **Reflexões geográficas no Cerrado brasileiro: dimensões enquanto componentes integradas e dinâmicas** – v. 3 / Pedro França Junior, Suzana Ribeiro Lima Oliveira, William Ferreira da Silva. (organizadores) – Curitiba : CRV, 2022.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade.** In: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2017.

LEITE, Cristina Maria Costa. **Geografia no ensino fundamental.** Revista Espaço e Geografia, v. 5, n. 2, p. 245-280, 2002.

LIMA, Vânia Carmem, NEVES, CHAGAS, Flomar Ambrosina de Oliveira & NEVES, Andreane Miyahara. **Professor como leitor do texto do aluno: construção dialogada.** In: Formação docente: os desafios do trabalho e da profissionalização. Goiânia: Gráfica UFG, 2019.

MIRANDA, Marielly de Souza. **Mobilidade e acessibilidade urbanas no ensino de geografia: contribuições para a formação cidadã.** 2021. 167 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas.** Em: FAZENDA, Ivani (Org). O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cotez, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Papirus editora, 2006.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas.** Florianópolis: Editora da Ufsc, 2002.

OLIVEIRA, Karla Annyelly de. **A cidade como um saber do professor de Geografia.** In: A cidade e seus sujeitos. Goiânia: Editora Vieira, 2011.



POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SANTANA FILHO, Manoel Martins de. **Por uma educação geoliterária: O mundo como livro, o texto como viagem.** In: Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas. Salvador: EDUFBA, 2020.

SANTOS, Milton. **O Lugar e o cotidiano.** In: A natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 313-330p.

SCHONARDIE, Elenise Felzke. **Cidade ideal e cidade real: conflitos e segregação no espaço urbano.** In: A cidade como lugar/espaço para o ensino e aprendizagem. Curitiba: CRV, 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Expressão popular, 2018.

YOUNG, Michael, F. D. **Para que servem as escolas?** Educação & Sociedade, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007. Disponível em:< <http://cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 11/04/2023.